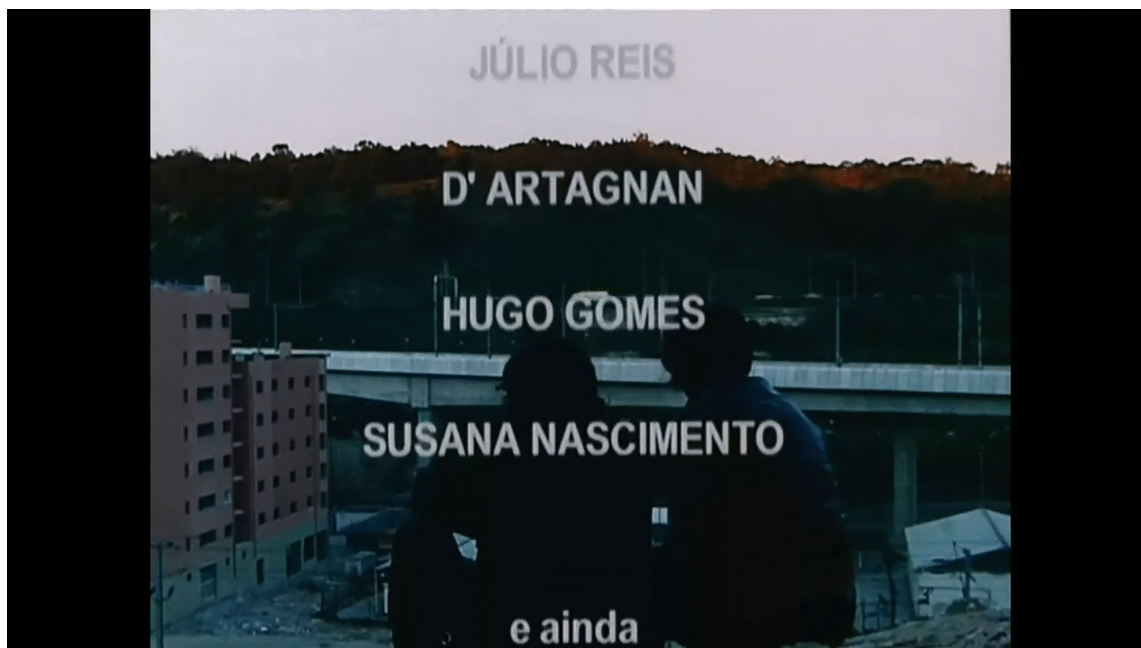


NO QUARTO DE CLÁUDIA: recordações que as “Noites” nos trazem

por Hugo Gomes



“Noites” (Cláudia Tomaz, 2000)

De onde vêm? Para onde vão? Sem eira, nem beira, João e Teresa prosseguem no (des)conhecido, no rastro de um “tesouro”, possivelmente o improvável descanso para os seus dias ... ou será antes, noites? No final, exaustos, saturados e meio arrastados acabam por encontrar consolo, de ombros encostados, no mesmo lugar onde o espectador os viu pela primeira vez. Trajeto circular, dirão alguns, com voltas e mais voltas, dois marginais cuja existência é minimizada numa Lisboa longe das lentes das habituais câmaras, mas cada vez mais acostumadas a estas.

“Noites”, a primeira longa-metragem de Cláudia Tomaz, assume-se como um filme sem norte (nem desenvolvimento) para com estas personagens. O desfecho não interessa à realizadora, por vezes contrariando o desejo do espectador. Estas duas figuras, algo maltrapidas, algo desnutridas, aventuradas por via de João Pereira e da própria Cláudia Tomaz, são meras representações, duas figuras em cheque e em choque para com a realidade aqui transposta, uma capital na margem do seu centro, povoada por criaturas geradas pela dependência e autodestruição. João e Teresa são um casal unidos pela desgraça comum, cedidos ao vício da heroína e reduzidos a farrapos dispostos a provar dia-a-dia o malicioso néctar. Ambos constroem a sua própria realidade, apoderando-se das “ruínas” como abrigo proclamado. Teresa restringe-se à agonia do seu canto (há a sugestão de uma patologia terminal, nunca desvendada) e João prostitui para garantir o seu vicioso sustento. O espectador é assim convidado a esta miséria performativa que transcreve um coletivo experiencial, porque para Tomaz, eles são João e Teresa, desta forma introduzidos por diálogos trocados, mas bem poderiam ser qualquer João e qualquer Teresa. A ficção não conta aqui, somente a exposição, o simulacro de um realismo formal, sujo e intensamente soturno.

Estamos no ano 2000, o cinema português (re)descobriu não há muito tempo a toxicoddependência como centro fulcral das suas histórias, e Lisboa, em plena mudança

pós-Expo 98 converteria-se na “montra” perfeita para essa experiência. Todavia o pecaminoso vício não se tornou cinematograficamente ilustrativo somente na década de 90’ (seguindo com isto adiante para a sua “normalização”), tal já havia sido tentado em 1927 com “O Táxi N° 9297”, a partitura de Reinaldo Ferreira, ou como é celebrenemente alcunhado de Repórter X, intriga inspirada no assassinato da atriz portuense Maria Alves (1926), que nos deu a oportunidade de testemunhar aquela que seria a nossa primeira imagem de consumo de estupefacientes, manobrada pela primeira personagem assumidamente toxicodependente da cinematografia nacional (Don Alfonso, interpretado por Manuel Silva).

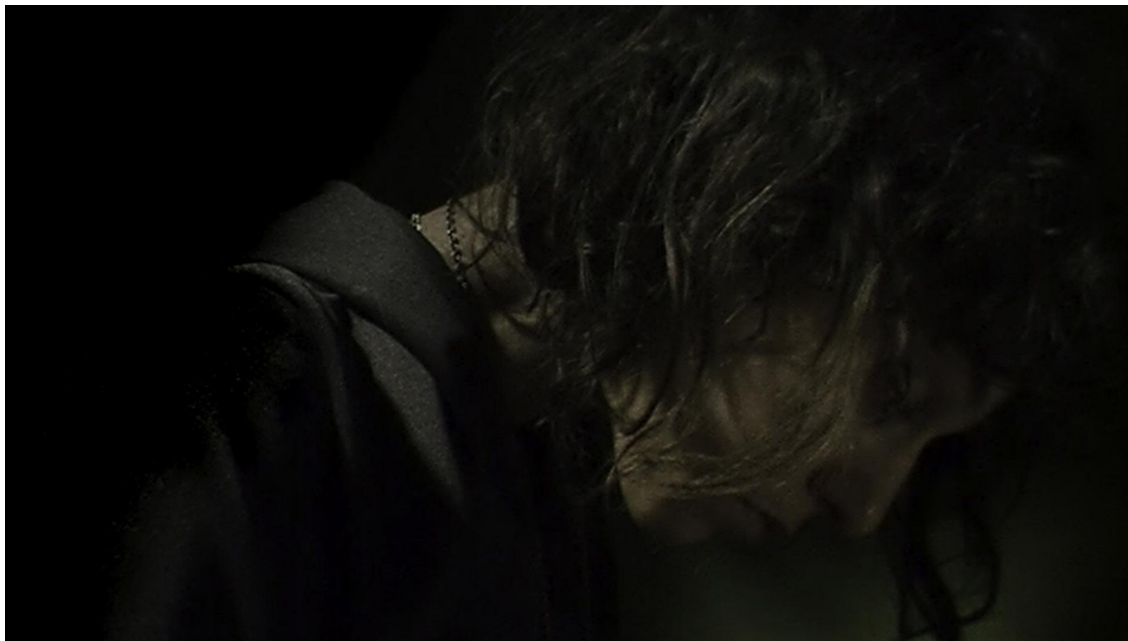


“O Táxi N° 9297” (Reinaldo Ferreira, 1927)

Como é esperado, o tema foi completamente varrido do universo cinematográfico português no imaginário do Estado Novo, até ser recuperado em 1984 com “Vidas”, de António da Cunha Telles. Segundo o realizador e produtor [de obras hoje desassociáveis ao nossa História audiovisual como “Os Verdes Anos” de Paulo Rocha e “O Cerco”, este último da sua autoria] durante o documentário “Chamo-me António da Cunha Telles” de Álvaro Romão (2011), a cena em que a protagonista Lina (Júlia Correia) prepara e consome a sua doce “tentação” por via intravenosa foi inequivocamente considerada pura ficção em Portugal, o próprio Cunha Telles conhecimento de tais “rituais” integrarem uma certa “realidade em Lisboa”. Curiosamente, o filme foi “censurado” (apropriando-se das palavras do realizador) no país menos provável, França, devido à ideia do uso da droga como estimulador de prazer, contrariando o imposto maniqueísmo (era comum no cinema *mainstream* francês a toxicodependência como característica dos antagonistas e não dos protagonistas). Como não foi um sucesso exemplar (56 mil espectadores, segundo os dados do ICA, em comparação com os 270 mil gerado pelo maior êxito nacional da altura, “O Lugar do Morto” de António-Pedro Vasconcelos), a toxicodependência apenas ganharia maior destaque no ano 1997, por vias de dois filmes distintos e munidos de discursos bem divergentes.

O primeiro, destronando os recordes de bilheteira estabelecidos pelo referido filme de Vasconcelos - “Tentação” de Joaquim Leitão (360 mil espectadores) - colocou o vício sob um prisma moralista, mesmo que a viagem até então seja tecida com entusiasmo e de um fascínio mórbido (Leitão perderia essa morbidez com outra lição moral sobre o consumo de estupefacientes, “O Fim da Inocência” em 2017), enquanto o segundo, “Ossos” de Pedro Costa, inseria a condição na natureza e motivos das suas personagens, um conjunto de atores com não-atores (habitantes das Fontainhas, esse convertido “não-lugar” do cinema português).

Um ano depois, nas loucas “primaveras” trazidas pelas brisas de ‘98 surgia entre nós, um dos nossos cartões-de-visita cinematográficos - “Os Mutantes” de Teresa Villaverde - focando na representação dos esquecidos mas nunca inocentados. Aí, a ficção imperava a narrativa, essas figuras que pavoneavam as suas peculiaridades não eram puríssimas representações, eram personagens de traços feitos e vincados, eram “senhores” ... ou melhor, senhoras das suas interiorizadas histórias. Colocando Villaverde em oposição a “Noites” de Tomaz, poderá soar uma comparação ingrata em relação a um filme tão minimalista que se resume esse romance vampírico de 2000, mas nisto, chegamos a um consenso, a cada vez despida ficcionalização de que o tema e o seu respetivo cenário [toxicod dependência e Lisboa, para os mais desatentos a esta altura do texto] ostentavam até ao seu encontrado auge em quatro paredes num ex-bairro – Fontainhas [novamente] - sendo que esse mesmo “cubículo” dava-se pelo nome de “No Quarto da Vanda” de Pedro Costa [como sempre].



“No Quarto da Vanda” (Pedro Costa, 2000)

Tomaz e o filme de Costa partilham a mesma contemporaneidade [e não só, mas já lá vou]. O feito, esse, é diferente, mesmo que hoje, perante a obscuridade mergulhada de “Noites”, apercebemos da sua aproximação formal e estética ao trabalho gradual de Costa. Por outro lado, “No Quarto da Vanda” deixou completamente a ficção como difusor da sua mensagem, aliás, Costa deixou (diria mais confiou) o filme nas mãos de Vanda Duarte. Ela comandou a obra quanto ao seu registo (e arquivo) de uma transformação ... peço desculpa por esta última e inadequada palavra, deixe-me corrigir ... extinção. Um bairro que desvanece frente aos olhos do espectador, reduzindo os seus

anteriores habitantes em meros vultos de passagem. Vanda ainda nos tenta agarrar, da mesma forma que impõe toda a atenção à câmara de Pedro Costa (que apesar de tudo, transgride com frutíferos passeios pela comunidade), nas suas constantes crónicas e historietas, prevendo obviamente o fim da sua existência nas Fontainhas como do quarto que encerrará este trabalho culminar.

Mas Vanda não é uma estranha para Costa, ela foi uma das protagonistas de “Ossos”, uma ficção por si contagiada pelo fascínio do real. De “Ossos” pode-se retirar um espírito que Tomaz domou e chamou seu em “Noites”, a subsistência de marginalizados lisboetas, vencidos pelos vícios e pelo ilícito. São os portugueses de segunda ... ou será terceira? ... escondidos na tenebra de uma cidade cinzenta, descalcificada e reduzida a uma melancolia crónica.

Em “Noites”, Tomaz “descascou” ainda mais os motivos para que o seu João e Teresa encontrem uma apaziguante inquietação nas sombras, o gesto puramente ficcional aí cedido está nos atores profissionais que atravessam no caminho destes falsos-errantes. Ora, Isabel Ruth ou João D’Avilla, integram a fonte de alimentação de João para o seu omnipresente desejo autodestrutivo, visto que se expõe à prostituição de forma a conseguir a sua dose diária. Enquanto (a muito subvalorizada) Ana Bustorff, outra atriz de carreira distinta em “Noites”, é o que de mais próximo podemos chamar de “background” de Teresa. Todos os atores mencionados são secundários e até mesmo sem relevância para o destino das figuras centrais, cujo fado é definido como inadiável e irreversível, porém, são eles mesmos os emissários de que o que vemos em tela é somente uma representação fílmica, não o real, apenas a transposição desse “verité” na ficção.



“Noites” (Cláudia Tomaz, 2000)

Mas voltando atrás, “No Quarto da Vanda” e “Noites”, estreados no mesmo ano, são criaturas convergentes, cresceram lado-a-lado, não tendo afinidade umbilical e que mesmo assim existindo neles um registo de propósitos equivalentes. Tomaz foi assistente de realização de Costa no “Quarto” e “Noites” funciona como a recitação dessa mesma experiência, sem com isto ter confundido a influência como uma relação de mestre/pupilo. Aquilo que obviamente separa um do outro é no desespero com que as suas figuras filmadas se movem. Costa registou a resistência destes em manter um quotidiano / ritualidade estabelecida contra todos os fatores, enquanto “Noites” resistência alguma vemos neste par em conservar (nem sequer sair) do seu repetido círculo, mas ambos são filmes em contraposição do “progresso” fomentado pelas transformações sociais, políticas e até mesmo estruturais que a capital submetia após a “abertura” concebida pela EXPO. Isto, em contramare com a Lisboa de postal que o Cinema Português e as suas instituições pretendiam divulgar além-fronteiras, como estímulo extra ao turismo desenfreado que iríamos conhecer.

Costa e Tomaz, cada um à sua maneira, entenderam descortinar a espécie de lisboeta que muitas forças tentavam esconder, como se baratas fossem, indesejáveis e prontas a ser exterminadas em nome da higienização. E como anexo, as ruínas desses esconderijos que residem e espreitam, cenários improváveis para as ficções ou reflexões ainda trazidas. Curiosamente, no mesmo ano, um outro filme português vangloria um outro tipo de “marginalizado” (ainda mais indesejado para as alas mais conservadoras), porém, correspondendo com a mesma visão de Lisboa imunda, acinzentada e ostentada por uma peculiar fauna noturna – refiro, com todas as certezas, a “O Fantasma” de João Pedro Rodrigues.

Com isto, deixem-me lembrar em jeito efeméride que Cláudia Tomaz voltaria ao mundo das longas em 2003, com “Nós”, obra hoje praticamente desconhecida, filmou a curta documental “Travelogue”, em 2008, até embarcar noutras “aventuras”, como a própria aclama em várias entrevistas, deixando com isso o cinema para trás. Esta reflexão não é acerca dela, nem uma tentativa de demovê-la (ou persuadi-la como bem entenderem) a um possível [agora tardio] retorno, trata-se e sim da recuperação de um filme esquecido (digamos), que resultou num espelho de uma época, com uma Lisboa decadente como pano de fundo.

“Noites” é um rito de passagem, de passageiros e de passadiços, onde dois vagabundos estão presos ao limbo que os próprios inconscientemente conduziram. Cabe ao espectador testemunhar esse conformismo que reduz existências a meros espectros.